



REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO CONTEXTO ESCOLAR – ALGUMAS EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS

Wanessa de Assis-1

Joana D'Arc Vidigal-2

1-Universidade Federal de Viçosa-Viçosa - MG

2-Escola Municipal Dona Nanete-Viçosa - MG

Vivemos em um mundo repleto de transformações, onde estar conectado e informado é um aspecto essencial e neste novo cenário há que se repensar o papel da escola de espaço privilegiado de conhecimentos e de desenvolvimento humano. A escola é uma instituição dotada de características próprias e complexas relações humanas, um local privilegiado para a formação de sujeitos críticos, criativos e participativos na sociedade, sujeitos detentores de diversos conhecimentos e com condições de adentrarem no mercado de trabalho bem como na luta por um país com melhores condições de vida. À escola é atribuído o papel de destaque na formação humana, principalmente no que diz respeito à formação de leitores e escritores. Cabe a esta instituição a garantia aos alunos do acesso aos mais variados saberes linguísticos necessários para o pleno exercício de sua cidadania. No Brasil, assim como em muitos outros países em vias de desenvolvimento, o hábito de ler, especialmente a leitura por prazer, é ainda algo muito distante da vida de milhares de brasileiros. A prática constante de leitura fora do âmbito escolar ainda permanece restrita a determinadas classes sociais. Neste contexto, a escola se apresenta para muitos alunos como o único local de contato com os livros, com a leitura de um modo diversificado. É no ambiente escolar que muitos conhecerão os livros e a forma como estes lhes serão apresentados bem como a maneira de ser trabalhada e incentivada a leitura determinará o futuro de bons leitores ou não. As práticas pedagógicas dos professores de incentivo à leitura e acesso a uma gama variada de textos é essencial para a formação de bons leitores, de pessoas que leem por prazer, que embarcam em um mundo de imaginação e aventura. Pautado na importância atribuída às práticas pedagógicas, o presente trabalho tem por finalidade refletir sobre algumas práticas de leitura e produção de textos no ambiente escolar, realizadas na turma do 3º Ano do ensino fundamental de uma escola municipal, lócus de atuação do Pibid. A sala, constituída por 19 alunos de 08 a 11 anos de idade, é

bem heterogênea e nela encontramos alunos esportos e inteligentes, outros mais tímidos, alguns que apresentam fortes dificuldades de escrita e leitura e também um educando com deficiência mental. Todas as crianças são de classe econômica baixa e oriundas de bairros periféricos da cidade. A professora regente da turma, possui 17 anos de atuação, com formação inicial em pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa, além de experiências na área de educação especial. Como alguns alunos da turma apresentam sérias dificuldades de leitura e escrita, algo essencial para a continuidade do processo de ensino-aprendizado, a docente tem pautado seu trabalho pedagógico na leitura de textos, na oralidade, na escrita de frases mais elaboradas e complexas, entre outros, buscando suprir algumas carências apresentadas pelos alunos e em sua metodologia, faz uso constante da ludicidade, proporcionando aos alunos inúmeros momentos em que se aprende brincando, estimulando o prazer em aprender. A ênfase da professora no trabalho de leitura de textos literários e com a oralidade é o que chama muito a atenção. Trabalhar com a oralidade, dar voz ao aluno, é essencial para a formação de cidadãos que saibam resolver seus problemas pautados no diálogo e não na violência e muitas vezes a escola, principalmente na busca constante de uma disciplina corporal, acaba se esquecendo da importância desse elemento na formação integral de seu aluno. A atenção que deveria ser dada ao trabalho com a oralidade dentro da escola, como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais, foi por muito tempo deixada de lado ou quando foi realizada, foi feita de maneira equivocada pautada meramente na correção de erros de fala, buscando uma forma culta e padronizada de se expressar, estigmatizando os educandos. O trabalho da professora com a oralidade segue bem as orientações dos PCNs, onde os alunos podem se expressar na sala de aula, são ouvidos e se tornam participantes ativos do seu processo de aprendizagem e quando se expressam de forma equivocada, lhes é apresentada a

forma mais adequada de se expressarem em locais públicos. Pude perceber que essa “correção” é feita de forma harmônica, sem causar momentos de constrangimento para os educandos. Quanto às práticas pedagógicas de leitura, a professora regente também desenvolve atividades muito interessantes, como a do Dia do Livro em que levou alguns livros com imagens em 3D, livros que comumente não encontramos nas escolas, para que os alunos lessem em grupo as histórias. Após o momento de leitura, a professora propôs a turma que eles criassem, a partir das imagens, uma história conjunta. Depois que todos os grupos terminaram de montar sua história, cada grupo ia à frente da sala e apresentava oralmente a história que produziram. O Dia do Livro trabalhado desta maneira foi significativo para os alunos, pois estes se viram como autores de histórias, como produtores de seus próprios textos. A professora explicou-os que assim como os autores daqueles livros que estavam lendo, eles também poderiam um dia escrever seus próprios livros, além disso, ressaltou o quanto os livros são importantes em nossas vidas, registrando histórias reais, fictícias, grandes feitos e descobrimentos da humanidade. As leituras realizadas pelos alunos nesta atividade permitiram-lhe a viagem pela imaginação, onde eles puderam ler histórias interessantes e atrativas para a idade deles, sem se preocuparem em ter que utilizá-la depois para a realização de uma interpretação mecânica e massificante do texto. Os educandos estabeleceram um diálogo com o autor, realizando uma troca de conhecimentos, sensações, criatividade e sentimentos, despertando assim o verdadeiro sentido da leitura, o prazer. Como é ressaltado por Lázaro e Beauchamp (2008, p. 77), a leitura por prazer se apresenta como um dos mais importantes meios para o desenvolvimento de demais habilidades intelectuais, necessários ao processo de aprendizagem, é uma forma de acesso a várias áreas de conhecimento. Em vários outros momentos observei atividades de leitura e produção de textos com os alunos, dotando de significado as produções que estes faziam. A professora possui uma pasta com vários tipos de textos e sempre que os alunos terminam de fazer uma prova ou alguma outra atividade que necessitem esperar que o restante da turma termine para dar continuidade às demais atividades, a professora disponibiliza estes textos. Assim, os educandos leem os textos, podem ilustrá-los se quiserem e realizam a produção de um pequeno resumo. Por meio de atividades como estas os alunos possuem acesso a uma variedade de textos e podem desenvolver um pensamento sobre o que leram, sem terem que responder àquelas perguntas clássicas

de interpretação de texto que se apresentam como meras atividades de memorização e decodificação gráfica sem sentido algum. Ademais, possuem a liberdade de escolher qual texto querem ler e se familiarizam com os diversos gêneros literários. O uso de diversificados textos é bem presente na sala fornecendo momentos de acesso a uma variedade de textos não só os verbais como os não verbais, o que é essencial para possibilitar aos alunos momentos de ampliação de seus conhecimentos e conseqüentemente a ampliação de seu universo literário. A prática observada promove reflexões diversas necessárias a formação docente proposta pelo Pibid. Ficou evidente o quanto a atuação do professor, por meio de suas práticas pedagógicas, influencia na formação de bons leitores. A ideia, contida no texto de autoria de Lázaro e Beauchamp, que enfatiza a importância da escola como local privilegiado de acesso a livros e diferentes gêneros linguísticos, consagrando-a como o principal lugar de formação de leitores, realmente pode ser constatada e reafirmada, especialmente em escolas cujo corpo discente vivencia uma realidade tão problemática e complexa, quanto a que venho tendo a oportunidade de observar e acompanhar. A infância se caracteriza como a idade mais adequada para incentivar o gosto pela leitura, pela viagem à imaginação e descoberta de mundos e conhecimentos que para muitos só poderão ser vivenciados através do livro. As crianças se identificam facilmente com os personagens, com as histórias e estórias, com os autores, se veem nas narrações, nas tramas, nos enredos e crescem à medida que leem, não só intelectualmente, mas também culturalmente, afetivamente e socialmente. Sendo assim, cabe aos professores serem exemplos de leitores assíduos, além de permitirem e ampliarem cada vez mais o acesso de seus alunos a momentos de leituras prazerosas e não somente aquelas em que se necessita ler para fazer a atividade, ler como pré-requisito para o desenvolvimento de algum exercício. A leitura deve proporcionar o momento de trocas de conhecimentos sejam elas entre os próprios alunos e seus professores, sejam elas entre leitores e autores. Formar bons leitores tem sido uma das principais responsabilidades das nossas escolas, entretanto muitos fatores podem interferir neste processo. A má formação dos professores e principalmente a falta do hábito de leitura entre estes é um dos principais problemas encontrados quanto ao tratamento adequado da leitura. Como incentivar um aluno a ler, se seu próprio professor não gosta de ler, não lê para ele e seus colegas? Temos que começar a rever este quadro, antes que a escola passe a assumir o papel de formadora de educandos não-

leitores. A leitura quando bem trabalhada e estimulada amplia horizontes, por meio dela o entendimento da escrita, da ortografia, dos cálculos e inúmeros outros conhecimentos são facilitados. Proporcionar momentos atrativos de leitura deve ser uma preocupação constante dos professores, ainda mais no contexto atual, caracterizado pela diversidade de meios de comunicação e acesso a conhecimentos. Saber ler com fluência é ingrediente fundamental para a formação de sujeitos críticos, capazes de argumentarem, de pensarem em suas vidas e ações, pessoas que se preocupam com o mundo, com o próximo, aptos a participarem ativamente em todas as instâncias de nossa sociedade em busca de um mundo e uma qualidade de vida melhor. O nosso grande mestre Paulo Freire nos diz que a educação sozinha não muda o mundo, mas ajuda a mudar as pessoas, ajudando-as a lerem melhor, a construírem seus saberes e sabendo ler, elas conseguem ler também o mundo, a entender o mundo e buscar a sua melhora, a sua sabedoria. Quando penso especificamente na sala em que estou atuando como pibidiana, fico muito feliz em perceber que a professora regente tem a preocupação de instigar o gosto pela leitura nos alunos bem como a produção de textos que sejam significativos para eles. A realidade das crianças desta escola é muito sofrida e conhecer essa realidade me forma docente, pois no momento que vivencio e participo junto com a professora resignifico o aprendido com os autores estudados na graduação, definindo em mim atitudes para tentar melhorar este quadro, a busca de um processo de ensino-aprendizado mais atrativo e significativo para estes alunos se torna a grande meta e uma forte aliada para tal, é a leitura, a oportunidade de levar estas crianças a vivenciarem experiências e “mundos” diferentes, conquistarem uma autonomia na comunicação e na escrita, a entenderem e saberem melhor a enfrentar as situações cotidianas.

Referências Bibliográficas

- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997 (Versão Digital)
- LAZÁRO, André & BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. (p. 73 - 82).

Área: Pedagogia

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Formação Docente